



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras da BR-101/NE

Parnamirim – RN, 31 de janeiro de 2007

Presidente: Eu visitei Recife para participar da assinatura de contrato do estaleiro e da construção de 10 navios da Petrobras. Estou visitando agora este trecho da BR-101 no Rio Grande do Norte, saio daqui e vou para Crateús para inaugurar uma fábrica de biodiesel.

Tudo isso faz parte dos programas do PAC que foram colocados como prioridade, todos vocês sabem a importância dessa rodovia que vai terminar ligando o Rio Grande do Norte até a Bahia. E essa obra, eu diria que quando estiver concluída vai prestar um serviço ao desenvolvimento da Região Nordeste, sobretudo na área de turismo, incomensurável, porque por aqui irão transitar milhões de pessoas durante todo o ano.

Desde 23 anos de idade eu tenho uma vontade imensa de fazer uma viagem do Chuí até o Oiapoque por estrada. Quando esta rodovia estiver pronta, finalmente eu vou realizar o meu sonho de fazer uma viagem.

Além disso, eu penso que daqui para frente vocês vão ver como hábito meu viajar todo mês, para cada estado, para acompanhar cada obra que nós definimos como prioridade. Nós sabemos que essas obras, para serem executadas, é preciso que haja o acompanhamento do prefeito, do governador ou da governadora, do presidente da República, do ministro dos Transportes, porque sempre aparece uma coisa ou outra numa área diferenciada. Ora é uma pessoa que está morando ali e nós temos que cuidar da desapropriação, e eu fiquei muito orgulhoso quando o nosso general, responsável pela obra, disse que cada pessoa que é desapropriada, além de receber o dinheiro, eles procuram, junto com a pessoa, uma casa para a pessoa comprar, porque não é apenas dar o dinheiro e abandonar as pessoas depois.



Essa obra tem uma outra coisa que está me deixando muito otimista, essa obra pode significar um novo padrão de rodovia para o Brasil. Vocês viram que é um tipo poderoso de obra, é um tipo de obra que o general disse que, no mínimo daqui a 50 anos, vocês vão ver esse concreto perfeitamente bom. A qualidade é extraordinária e eu penso que vai balizar, para as novas rodovias brasileiras e para os aeroportos, uma qualidade de serviço que já há algum tempo existe na Europa, que existe em poucas rodovias no Brasil, e nós precisamos melhorar as rodovias brasileiras, porque às vezes você inaugura uma rodovia e dois anos depois você já tem que estar com uma operação tapa-buracos porque teve problemas. Então, é preciso melhorar a qualidade.

E esse vai ser o meu papel neste mandato, ou seja, viajar o Brasil, fiscalizar as obras, ver o que está acontecendo, destravar aquilo que estiver tendo dificuldade, construir parcerias e mais parcerias com os nossos governadores, com os nossos prefeitos, porque é assim que a gente vai conseguir cumprir o PAC e conseguir fazer o Brasil se desenvolver.

Jornalista: Vai ter eleição na Câmara...

Presidente: Eleição na Câmara, eu discuto amanhã.

Jornalista: E a sugestão que foi dada pelo governador...

Presidente: Primeiro, não tem sugestões para o PAC. Tenta-se passar uma idéia de divergência. Primeiro, eu não conheço nenhum governador que seja contra o PAC. O que eu conheço são governadores que tem obras que eles consideram importantes nos estados e que não foram incluídas no PAC. Acontece que o PAC não é um processo de obras que atenda apenas aos interesses do estado. É um processo de obras de integração nacional. Vocês vão perceber, pelo mapa, que há uma integração entre as rodovias, as



ferrovias, as hidrovias, aeroportos e portos. Obviamente que se tem um estado que tem uma obra importante – aqui, eu sei que a nossa governadora tem a 304, que é muito importante – nós vamos ter que discutir no orçamento, fora do PAC. O PAC é aquilo que é prioridade zero. Veja, nós temos grandes investimentos em todos os estados, São Paulo tem grandes investimentos, o Rodoanel e o Ferroanel são obras históricas de São Paulo. Eles sabem que, no primeiro trecho do Rodoanel, eles levaram quase 12 anos para construir, e nós estamos nos comprometendo com a parte dois do Rodoanel. Ora, se algum governador tem uma obra que não está no PAC, o nosso governo é democrático, as pessoas têm relação de amizade, eu diria muito grande, nos procurem e vamos conversar. E os governadores, ao invés de ficarem alguns, porque eu não conheço nenhum até agora, mas se tiver algum que faça uma crítica, que construa um PAC no seu estado, o prefeito constrói um PACzinho na sua cidade, e aí um PACzinho aqui, um PACzinho ali, um PAC nacional, e a gente vai resolver um problema de infra-estrutura nacional.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, isso não está em negociação. É normal, também, que os governadores queiram mais recursos, que os prefeitos queiram mais recursos. É normal, agora nós vamos discutir com eles com a franqueza que sempre discutimos. Nós vamos discutir, não tem nenhum problema discutir com os governadores. Agora, o que os governadores precisam discutir, e isso eu vou conversar com eles no dia 6 de março, é que nós vamos resolver todos esses problemas na hora em que nós votarmos a reforma tributária no Congresso Nacional. É preciso definir a política tributária no Brasil, que aí vai atender todas as demandas de prefeitos, de presidente, de governadores.

Jornalista: Mas aí tem que enxugar mais também, não é?



Presidente: Bom, cada um enxuga do jeito que quiser. Eu acho que a máquina brasileira, se a gente quiser que ela funcione, nós vamos ter que contratar muita gente, vamos ter que contratar professores neste País, vamos ter que contratar engenheiros neste País, vamos ter que contratar servidores para controlar o meio ambiente neste País. Agora, na verdade, quando você terceiriza o Estado brasileiro, você deixa de ter responsabilidade no oferecimento de serviço público, você acha que tem apenas que gastar. Estou dizendo o seguinte: não me venham com discurso de déficit da Previdência Social, não me venham com discurso. Se você pegar o que pagam os trabalhadores brasileiros e o que recebem, eles não têm déficit. Qual é o déficit? O déficit é que um dia, em 1988, o Congresso Nacional, com o voto de todos nós, aprovou a extensão de benefícios previdenciários para trabalhadores rurais, depois criamos a LOA, depois criamos o Estatuto do Idoso, então essa é uma carga que o Tesouro tem que assumir, não como déficit, mas como política social, como cidadania que o Estado brasileiro tem que prestar ao seu povo. As pessoas reclamam muito, mas teve um dia, neste País, em que 10 bilhões de dólares fugiram e ninguém reclamou. Era tido como normal. Vejam, a economia brasileira está tranqüila, nós estamos vivendo um momento, eu diria, de muita maturidade, de muita sensibilidade e, eu diria, um momento de otimismo. Tudo está funcionando muito bem do ponto de vista da macroeconomia, por isso é que nós lançamos o PAC, porque agora é hora de crescer, é hora de andar para frente.

Jornalista: Presidente, e o novo Ministério sai quando?

Presidente: Minha querida, eu acabei de ganhar uma eleição, o time ganhou o jogo, eu não tenho pressa de estar preocupado com o governo agora. Estou preocupado é em tocar as coisas que temos que fazer. Vocês viram apenas o



início, foi o PAC, daqui a pouco nós vamos implantar um programa de inclusão digital poderoso no País, daqui a pouco vamos discutir um programa de educação poderoso no País, e daqui a pouco vamos fazer um programa de inclusão de todas as políticas sociais, tentando uniformizar isso. E por quê? Porque as condições estão dadas. Quem quiser fazer outra coisa, faça. O meu compromisso, agora, é cumprir com aquilo que eu assumi durante a campanha: fazer este País crescer, melhorar a infra-estrutura, melhorar a qualidade de vida do povo, fazer mais política social. É o meu compromisso.

Jornalista: O desenvolvimento sustentável é a grande marca do PAC?

Presidente: Vai ser a grande marca do PAC, é a grande marca. Eu não posso dizer se uma ou outra cidade vai ser beneficiada, ou seja, o Brasil vai ser beneficiado porque esse é um programa de integração nacional, de combinação perfeita entre um intermodal de transporte, passando por energia elétrica, ou seja, nós estamos, na verdade, preparando o Brasil para as próximas gerações. Quem entrar, depois de 2010, vai pegar o Brasil infinitamente melhor, mais saudável do que eu peguei.

Jornalista: Como o senhor está lidando com as reivindicações do PT, em relação a espaço no governo?

Presidente: Minha filha, eu, a vida inteira, eu nasci na vida política, fazendo reivindicação. Portanto, quem quiser fazer reivindicação, o nome sou eu. Eu sou um recipiente de reivindicações. Obviamente que cada partido político tem sua demanda, cada partido político quer uma coisa, cada segmento da sociedade quer uma coisa. Isso, quem decide sou eu, na hora em que eu quiser tomar a decisão de que eu vou fazer a montagem do governo para o segundo mandato. Eu vou tomar aquilo que estiver na minha cabeça, aquilo



que for melhor, porque tem que ter, primeiro, duas coisas que são fundamentais: competência profissional e técnica.

Jornalista: E que sejam mais amigos do governo, então?

Presidente: Veja, certamente todos serão amigos, até porque não colocarei um inimigo no governo. Todos serão amigos. Agora, amigos à parte, trabalho é coisa séria.

Jornalista: O senhor falou em infra-estrutura...

Presidente: O que é importante no PAC, gente, é o Conselho Gestor. Nós não permitiremos que ninguém, individualmente, seja responsável por essa ou por aquela obra. O governo, com o Conselho Gestor, vai acompanhar isso semanalmente, quinzenalmente, e eu, a cada 15 dias, quero um relatório de cada obra que foi destinada ao PAC: o que está acontecendo, se já saiu licença prévia, se já fez licitação, se já está em andamento, o que está acontecendo. Porque eu aprendi o seguinte: o porco engorda se tiver o olho do dono tomando conta dele. Se deixar terceirizar, acabou.

Leia o release sobre o assunto:

<http://www.info.planalto.gov.br/download/notas/rel300107-2.doc>